

FÍSICA: uma ciência em busca de uma ontologia – Resenha crítica de um metafísico

RESUMO

A obra *Física: uma ciência em busca de uma ontologia*, de Wolfgang Smith, oferece crítica ao referencial cartesiano que, atualmente, orienta o labor em Física, destaca a dificuldade decorrente de se bem definir os seus objetos, caracteriza o reino quântico como instância ontológica e propõe um referencial ontológico capaz de superar as perplexidades epistêmicas decorrentes dos esforços de medição na área. Embora afirme adotar Platão como referência e recomende uma solução ontológica, entende que essa ontologia opera em sentido inverso ao da metafísica clássica, razão pela qual resolvemos intervir, aportando a perspectiva metafísica de Platão, na esperança de iluminar melhor a questão.

Palavras-chave: Física quântica. Objeto da física quântica. Ontologia. De que trata a física quântica?

A obra *Física: uma ciência em busca de uma ontologia*, do físico e matemático austríaco Wolfgang Smith, em tradução de Giuliano Bonesso, oferecida pela Vide Editorial, Campinas, 2024, oferece-nos auspicioso e curioso esforço *interna corporis* de enfrentamento das perplexidades epistêmicas geradas pela Física Quântica. Auspicioso, porque abre caminho para um modelo referencial virtualmente capaz de tornar inteligível essa Física, e, curioso, porque oferece uma solução ontológica, aparentemente, sem adotar a perspectiva metafísica de Platão, embora tenha-se dedicado a estudos clássicos e declare adotar a filosofia de Platão como referência.

O que mais surpreendeu-nos foi o fato de o autor adotar uma perspectiva ontológica sem assumir, francamente, a perspectiva metafísica. Algo que nós, que julgamos ter entendido e até formalizado o modo de pensar de Platão, juraríamos ser impossível, dado que a perspectiva metafísica de Platão adota uma estrutura ontológica para especificar o processo criativo da existência. A metafísica de Platão, como a entendemos, trata do ser e da existência e, para tanto, formaliza com um modelo ontológico o percurso que separa mera potência de existir de existência em ato, marcando presença no mundo. Wolfgang, portanto, aceita o modelo metafísico de universo de Platão – que se estende para além do espaço e do tempo, em instâncias perceptíveis apenas pela razão. Admite, também, que a formalização desse âmbito requer uma estrutura ontológica, mas, aparentemente, não aceita que a base quântica seja geradora da matéria ou que partículas quânticas convertam-se em matéria, pois entende ser a totalidade do fenômeno que determina, verticalmente, em sentido inverso, o substrato quântico que lhe corresponde.

Wolfgang, em virtude da sua formação, começa a sua abordagem partindo do princípio de causalidade que regula as relações de matéria com matéria, critica a solução cartesiana que dividiu o mundo em *res extensa* e *res cogitans*, conceitua a causalidade material como causalidade horizontal e defende que a totalidade de um fenômeno supera a mera soma das suas partes, razão pela qual se impõe outro tipo de causalidade capaz de gerar uma totalidade superior à soma das partes. Para resolver esse problema, propõe e articula três conceitos básicos: uma totalidade indivisa (TI), uma causalidade vertical (CV) e o entendimento de a Física Quântica constituir um domínio ontológico. Na parte final do livro, resgata e sanciona o modelo cosmológico de Platão. Em síntese, Wolfgang contesta o paradigma cartesiano de localidade adotado pela Física e sugere um paradigma ontológico que estende a existência para além do espaço e do tempo, potencialmente capaz de solucionar as perplexidades suscitadas pelos propósitos de medição nesse estágio quântico da Física.

Em linhas gerais, comungamos com as críticas e com a solução proposta, entendendo também que a realidade estende-se para além do espaço e do tempo tal como defendido por Platão. Igualmente, concordamos que o paradigma da Física clássica resulta não adequado para contemplar o domínio visado pela Física Quântica e que um referencial ontológico constitui uma solução promissora. Entendemos, porém, que a solução precisa ser radicalmente metafísica. Tratando-se de um problema de referencial e tendo em conta que a Academia Platônica de Brasília formalizou o referencial metafísico de Platão, de modo particularmente amigável para a cultura científica moderna, iniciamos esta resenha crítica apresentando o referencial metafísico que nos baliza e que tem amplitude suficiente para recepcionar e situar, ordenadamente, cada um dos elementos da solução proposta. Com isso, procuramos facilitar o entendimento por não iniciados.

Começamos aceitando a cosmologia de Platão, conforme relatada por Wolfgang na terceira parte do seu livro. O modelo cosmológico de Platão é simples e pode ser representado esquematicamente como um ponto no centro de uma circunferência. Esse modelo de cosmos destaca três partes: o ponto central, constituindo um domínio *inteligível*, que Wolfgang denomina *eviterno* e destaca não estar sujeito nem ao tempo nem ao espaço; a circunferência, que ele denomina de *universo corpóreo*, o qual designa de *totalidade indivisa* e que se caracteriza por estar sujeito a ambos; e a parte *intermediária*, que ele caracteriza como *matemática* e entende estar sujeita apenas ao tempo, solução que acredita estar de acordo com o próprio Platão. Textualmente, a sua interpretação desse modelo, em termos funcionais, é a seguinte: “Com base nessa tripartição, concluímos que todo ser intracósmico deriva do plano eviterno e se manifesta como uma totalidade indivisa (TI) e que toda TI abaixo do plano eviterno “adentra” o cosmo por meio de uma causalidade vertical (CV)” (p. 114).

Essa descrição é fiel ao modelo cosmológico de Platão e configura-se de acordo com a perspectiva metafísica que ele adota: há um princípio originário do qual o universo brota ou decorre, essa decorrência dá-se segundo princípios matemáticos, e o fenômeno criado passa a existir no cosmo, configurado na forma de totalidade ou, mais precisamente, ao atingir a forma de totalidade – dado tratar-se, segundo Platão, de um processo criativo que parte de uma singularidade de máxima simplicidade e culmina em uma totalidade divisível em partes.

Essa concepção repousa sobre a teoria dos princípios de Pitágoras, que afirmava que a existência repousava sobre dois princípios: *o ilimitado* e *o limitante*. Segundo essa tese, toda existência determinada resulta da imposição de limites a uma existência desprovida de limites – ilimitada. Por exemplo, não entendemos o que seja uma reta ideal infinita, mas sabemos e conseguimos operar um segmento de reta delimitado por dois pontos, tais como A e B.

Platão designa o ilimitado de Pitágoras por Uno, esclarecendo que esse Uno indicava o conceito de unidade indivisível ontologicamente indispensável para se estabelecer e entender racionalmente a quantidade unitária: o número um. Essa solução decorria do espírito matemático grego que entendia ser a matemática a linguagem com a qual os deuses haviam criado o universo. Se o universo era número, nada mais evidente do que a sua origem espiritual ser a mesma: aquela que antecede a série dos números naturais – por isso, o Uno. Platão refere-se também a essa origem de tudo com o conceito de o Bem em si, igualmente na condição de princípio gerador da ordem e da harmonia cósmica. O destaque, a seguir, revela o que Wolfgang capta de Platão a respeito desse assunto. “O que nos é dito, então, a respeito dessa Realidade verdadeiramente supracósmica? Apenas duas palavras nos são dadas: [...], o Bem e o Um” (p. 123).

Platão, porém, assimilou o ponto supracósmico de sua cosmologia ao conceito de ilimitado de Pitágoras¹ e esclareceu tratar-se de uma existência que não tem nem limites internos nem limites externos. Essa definição levou-nos à geometria plana e à figura do círculo, cujo limite interno é determinado pelo raio e cujo limite externo resulta determinado pela circunferência. Quando o raio, o limite interno, é reduzido, o limite externo, a circunferência, reduz-se proporcionalmente. Quando, no limite, o raio torna-se nulo, tanto o raio como a circunferência desaparecem e, junto com eles, os dois tipos de limites, atendendo aos requisitos apontados por Platão. O que resta é a figura do ponto, conceituado até nossos dias como um lugar no espaço desprovido de dimensão. Esta é a informação relevante: ao ilimitado cabe uma amplitude adimensional na existência. Essa conclusão assume relevância porque, como todos podem constatar, o universo tem amplitude. Esse fator exige que o processo de criação capaz de descrever como o universo passa a existir ou forma-se precisa, necessariamente, produzir amplitude capaz de comportá-lo. Wolfgang, no entanto, não especifica esse processo de criação,

¹ Sem declarar expressamente qualquer referência a Pitágoras.

apenas menciona que ele viabiliza uma causalidade vertical (CV), apresenta caráter ontológico e matemático e gera uma totalidade indivisa (TI).

Os estudos desenvolvidos na Academia Platônica de Brasília revelaram que a teoria dos princípios de Pitágoras não se limitava à formulação dos dois princípios mencionados: o ilimitado e o limitante. Ao contrário, avançava pela especificação do limitante em termos matemáticos. O resultado é conhecido como década sagrada de Pitágoras, expressa no formato quantitativo $[1 + 2 + 3 + 4 = 10]$. Filón de Alexandria (10 a.C. – 50 d.C.), em registro de José Pablo Martín (Martín, 2009, p. 119), informa-nos que se tratava de um processo gerativo da existência. Dessa forma, afirmava que os quatro primeiros números eram potenciais e, portanto, ontológicos e apenas o resultado (10), a totalidade, configurava existência em ato. Platão não apenas adotou integralmente essa teoria de Pitágoras, mas também demonstrou, com a sua Dialética, que ela servia, igualmente, para organizar a racionalidade humana. Com isso, Platão consolidou a sua metafísica e pode arguir que a existência estende-se do Uno ao todo – uma proposição virtualmente irrefutável.

Não existem registros conhecidos que indiquem exatamente como os pitagóricos entendiam a década sagrada, para além de representar o algoritmo da criação. Sabe-se apenas que era sobre a década sagrada que os aprendizes juravam fidelidade ao entrar na Ordem e comprometiam-se a não revelar para terceiros os conhecimentos que iriam adquirir.

De nossa parte, quando deparamos com a década sagrada e descobrimos que, embora não se pudesse predicar o Uno, correspondia-lhe um âmbito adimensional e, já tendo constatado que o universo tinha amplitude, que, segundo Einstein, demandava, além das três dimensões do espaço, uma dimensão adicional do tempo, ficou claro que a década de Pitágoras indicava um processo criativo dimensionalmente organizado. Desse modo, o percurso criativo que se estende do Uno ao todo restou formalizado nos termos exigidos pela cosmologia de Platão – no formato de estrutura ontológica, organizada dimensionalmente, como evidenciado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Estrutura ontológica da existência

Uno adimensional	1ª Dimensão	2ª Dimensão	3ª Dimensão	4ª Dimensão	Totalidade
------------------	-------------	-------------	-------------	-------------	------------

A partir dessa estrutura, podemos apreciar, agora, a perspectiva e os conceitos usados por Wolfgang na sua crítica ao modelo referencial usado pela Física atualmente e constatar se tem razão em denunciá-lo como inadequado para fundamentar o estágio quântico da Física. A discussão detalhada do referencial dimensional que tomaremos como baliza constitui a essência do programa de formação oferecido pela Academia Platônica de Brasília e não cabe nesta resenha (Rodrigues; Rodrigues, 2024). Apesar disso, impõe-se apresentar a nossa

interpretação da funcionalidade do modelo para permitir que os leitores entendam as nossas razões.

A base do modelo dimensional é a concepção cosmológica de Platão a qual indica que a existência estende-se do Uno ao todo, não sendo humanamente possível pensar em nada situado antes ou depois desses limites. Ocupando o Uno um âmbito adimensional, resulta ser, também, de simplicidade absoluta e, portanto, indivisível. Sendo ilimitado, resulta ser, também, indeterminado, eterno, incriado e absolutamente estático – dado que qualquer movimento seria capaz de determiná-lo. Sendo o Uno a origem estática de tudo, qualquer emanção ou derivação dele somente pode dar-se mediante uma transcendência do estático para o movimento, tal como ocorre em laboratório, quando ocorre a emersão de um *quantum* de energia, segundo a ciência, a partir do vácuo cósmico. Sendo a origem adimensional, a emanção do Uno apenas pode ser da mesma amplitude. Dado, porém, que está dotada de movimento, assume amplitude unidimensional e estabelece uma instância de amplitude correspondente na existência. Conceituamos o conteúdo da primeira dimensão do modelo como energia e entendemos que essa energia corresponde ao ser mencionado na concepção metafísica de Platão. Daí conceituarmos o conteúdo ôntico da primeira dimensão como ser-energia. Posteriormente, quando considerarmos a consciência, esse ser será identificado como intelecto operador da consciência.

Dado que o âmbito da existência inaugurado pela transcendência do ser caracteriza-se pelo movimento, o ser em movimento não encontra obstáculo para movimentar-se e insinua-se como um movimento que não pode ser contido. Apesar disso, o primeiro âmbito desbravado é estreito: apresenta apenas uma dimensão. Com isso, o movimento do ser acaba desdobrando naturalmente a segunda, a terceira e a quarta dimensões e, em seu esforço de ir adiante, não resulta em nova dimensão, mas, sim, em nova transcendência, e o atingimento da instância de totalidade que confere estabilidade às energias envolvidas no movimento, estabelecendo presença estável de um fenômeno limitado na existência.

Esta é, em linhas gerais, a funcionalidade do modelo dimensional que adotamos como referência. Depois de mais de cinco décadas de convivência e de uso do modelo chegamos à conclusão de que a melhor designação dos conteúdos ônticos das cinco instâncias é a seguinte: o ser, na primeira dimensão; a inteligência organizativa potencial, na segunda; o espaço e a materialidade, na terceira; o tempo, na quarta; e a inteligência organizativa efetivamente realizada, na instância de totalidade. Dado que a existência em ato apenas é estabelecida na totalidade, o percurso de criação resulta ser ontológico e instantâneo ou não sujeito ao tempo, e designamos o processo todo de criação por inteligência criativa. Dessa maneira, temos uma inteligência criativa que gera as inteligências organizativas que instalam, determinam e delimitam todos os fenômenos presentes no universo, até mesmo o próprio universo.

No caso humano, temos, na primeira dimensão, o ser; na segunda, a alma e o código genético como inteligências organizativas potenciais; na terceira, o organismo biológico com suas funcionalidades; na quarta, a ontogênese física e mental do indivíduo; e, na instância de totalidade, a consciência, gerada, configurada e moldada pela inteligência organizativa efetivamente realizada (Rodrigues; Rodrigues, 2024).

Nesses termos, temos de concordar com Wolfgang, quando ele afirma que a existência do nosso universo extrapola o âmbito tridimensional do espaço e, igualmente, a instância espaço-temporal de Einstein, de modo que uma ciência do espaço e da matéria, embora seja importante, tem limitada capacidade de explicação do universo e merece reparo.

Concordamos, também, com Wolfgang que o conceito de causalidade utilizado pela Física atualmente, segundo o qual a totalidade resulta da soma de suas partes, não consegue explicar o advento dos fenômenos presentes no mundo, cuja totalidade revela-se superior à soma de suas partes. Exemplo irrefutável e conhecido desse fato é a molécula de água que, embora constituída de átomos de hidrogênio e de oxigênio, viabiliza propriedades muito distintas e até inimagináveis a partir das propriedades dos átomos. Sendo assim, torna-se evidente que essa causalidade lógica não se presta para explicar a criação.

A solução que Wolfgang apresenta para esse problema é uma causalidade vertical (CV) que reconhece ser de caráter ontológico e não estar sujeita ao estatuto do tempo ou que operaria instantaneamente. A causalidade vertical geraria uma totalidade indivisa (TI) que contemplaria integralmente o fenômeno: no exemplo acima, contemplaria a molécula de água com todas as suas propriedades ausentes nos átomos-parte. Embora concordemos com a ideia geral, parece-nos conveniente, para o bom entendimento das coisas, reparar a expressão causalidade vertical.

O modelo metafísico apresentado na Figura 1, ao adotar uma estrutura geométrico-dimensional, evidencia que o processo de criação desdobra-se cumulativamente na mesma medida em que o desdobramento dimensional disponibiliza amplitudes crescentes para a movimentação do ser. Com isso, em cada uma das instâncias do modelo, oferece-se ao ser uma amplitude diferente para se manifestar, oportunizando movimentos típicos ou modos de ser típicos em cada uma das cinco instâncias. Em vista disso, no processo de criação, sucedem-se um modo de ser unidimensional, um modo de ser bidimensional, um modo de ser tridimensional, um modo de ser tetradimensional e, finalmente, um modo de ser totalidade. Dado que, apenas na forma de totalidade, o fenômeno conquista lugar e presença no mundo, isto é, constitui-se em existência em ato, as instâncias anteriores configuram-se ontológicas, ou seja, essencialidades constituintes do ente, inexistentes isoladamente e, por isso, designadas ontológicas. A própria estrutura criativa – que designamos de inteligência criativa – revela-se ontológica. Esse processo criativo, na sua terceira instância – terceira dimensão – gera o

espaço, a amplitude na qual a energia pode assumir a conformação que designamos por matéria. O padrão de movimento típico nessa instância, oportunizando que matéria interaja com matéria, desde Aristóteles, obedece ao que se convencionou designar de lógica clássica, um padrão lógico regido pelo princípio de causalidade. Esse princípio enseja um caso particular no qual a relação entre causa e efeito torna-se estabilizada, o que viabilizou a civilização moderna e suas tecnologias. Essa lógica continua presidindo o labor em Física. Dessa forma, Wolfgang tem razão ao denunciar a causalidade para justificar o advento da existência, afinal, o processo ontológico de criação gerou o espaço, a matéria, a lógica local e o próprio princípio de causalidade que preside essa lógica; logo, esse princípio não pode responder por sua criação.

Embora não seja tema desta resenha, os nossos estudos revelaram que os cinco modos de ser destacados pelo modelo, na medida em que configuram cinco modos objetivos de ser, manifestam-se na mente humana como cinco modos de pensar correspondentes, cada um deles regido por uma lógica própria. Com isso, fica claro que Wolfgang também tem razão em designar o princípio de causalidade como operação horizontal. Realmente, tendo em vista a verticalidade do modelo ontológico, as lógicas operam diametralmente a ele, cada uma em seu âmbito, em sentido horizontal, restando conveniente que se distinga o lógico do ontológico, o que por si só pode evitar um monte de confusão em toda construção de conhecimentos. Daí preferirmos inteligência criativa em lugar de causalidade vertical.

O mesmo tipo de reparo podemos fazer com a expressão totalidade indivisa (TI). Não há dúvidas de que a descrição dimensional da estrutura ontológica de criação demanda uma instância de totalidade. Quanto a isso, tanto Pitágoras como Platão são explícitos – assim como nós e Wolfgang –, afinal, a diversidade fenomênica do mundo exige que os fenômenos sejam limitados e delimitados. O problema está na expressão totalidade indivisa que nos parece denotar duas qualidades presentes na instância, mas, ao mesmo tempo, descuidar do seu conteúdo ôntico. Já a expressão inteligência organizativa efetivamente realizada que adotamos indica esse conteúdo ôntico e não impede que se acrescente a ele propriedades, tais como constituir a instância de totalidade do fenômeno, fechar o fenômeno em uma unidade limitada – virtualmente, na forma esférica –, e, até mesmo, na qualidade de instância mais informada do fenômeno, viabilizar, no caso humano, uma consciência. Apesar disso, as qualidades apontadas por Wolfgang são pertinentes: tanto ser totalidade quanto ser indivisível, dado que o processo ontológico em sua expressão dimensional revela-se claramente cumulativo, de sorte que, na totalidade, tudo está contido.

Wolfgang ainda trata de outros aspectos interessantes, como, por exemplo, a sua visão da parte intermediária da cosmologia platônica e da teoria do *design* inteligente de Dembski, que reforçam a sua proposta, mas que vamos deixar de lado para não estender demais este texto, o qual pretende ser apenas uma resenha

crítica. Assim, podemos focar o ponto crucial de sua proposta, que diz respeito ao conteúdo ôntico capaz de tornar a Física Quântica uma ciência mais compreensível.

Para iniciar essa discussão, primeiramente, vamos resgatar duas citações.

Devemos, portanto, estabelecer a distinção entre o mundo concebido pelo físico – ao qual chamaremos físico – e o mundo perceptível no qual “somos e existimos”, ontologicamente corpóreo (p. 25).

No ato de medição, lidamos com uma transição entre dois domínios ontológicos distintos: do físico para o corpóreo, o que deveria ser evidente, visto que o sistema quântico é físico, e o instrumento de medição, corpóreo (p. 28).

Em face da descrição acima, encontramos dificuldades para saber exatamente o que, para o nosso autor, distingue o físico do corpóreo. Sendo físico o mundo visualizado pelos físicos, somos levados a crer que se trata de tudo o que marca presença no âmbito do espaço tridimensional, desde os objetos da Física clássica até a mais elementar das partículas fundamentais da matéria, inclusive as designadas quânticas. Por outro lado, sendo corpóreo o mundo perceptível no qual existimos, ainda que a existência em ato apenas manifeste-se na forma de totalidade, sabemos que essa totalidade comporta não apenas o que é próprio dessa instância, mas também os elementos próprios de toda a estrutura ontológica geradora dessa totalidade. Com isso, o corpóreo de Wolfgang deveria indicar toda a estrutura ontológica da existência. Isso seria coerente com a afirmação de que o instrumento de medida é corpóreo. Entretanto, na última frase da primeira citação, ele não afirma “no mundo no qual existimos ontologicamente, corpóreo”, ele afirma: “no mundo em que existimos, ontologicamente corpóreo”. Nesse sentido, a diferença ontológica a qual ele se refere parece não se tratar de uma diferença entre duas amplitudes dimensionais, tal como o nosso modelo sugere. Também não pode ser uma diferença entre o objetivo e o subjetivo, uma vez que ele refutou tanto a *res cogitans* e a *res extensa* de Descartes como o mundo visível e o mundo inteligível de Platão, os quais ele sequer menciona. Caso o corpóreo indicasse toda a estrutura ontológica que o modelo dimensional especifica, a parte física estaria incluída na terceira dimensão do corpóreo, e o problema de medição da Física Quântica seria semelhante ao problema de medição da Física clássica: uma questão de referencial, de interpretação ou de objeto. Esse, porém, não é o caso, dado que em mecânica quântica a medição interfere no resultado. Provavelmente, essa dúvida decorre do conceito de ontologia adotado cuja definição não encontramos na obra. De qualquer modo, essa discussão evidencia como o modelo geométrico-dimensional que adotamos logra deixar as coisas mais claras.

Para avançar em busca do conteúdo ôntico da Física Quântica, isto é, determinar qual o seu objeto, vejamos mais quatro citações.

[...] sem uma totalidade indivisa não há ser. Acredito que esta afirmação seja de vital importância para a compreensão da teoria quântica, que é a física das entidades desprovidas de TI e, portanto, de ser (p. 41).

Certamente reconhecemos, [...] a existência de “partículas fundamentais”; o que negamos veementemente é que essas partículas constituam a realidade das entidades que compõem a física clássica (p. 50).

Meu ponto é que as entidades que compõem o macromundo são, na verdade, subcorpóreas, o que significa que derivam a sua realidade não do micromundo, mas da direção oposta: não “de baixo para cima”, mas “de cima para baixo”. Além disso, essa realidade supernal, não se limita a “partículas”, mas a algo que foge ao escopo da própria física: trata-se, na verdade, de uma totalidade indivisa (p. 50).

Não há como contornar o fato ontológico de que as entidades da física clássica derivam o seu ser não do reino quântico, mas do corpóreo (p. 51).

Imaginamos que a declaração “sem uma totalidade indivisa não há ser” pretende afirmar que apenas na forma de totalidade um fenômeno ontologicamente erigido passa a fazer parte e ter presença no mundo. Nessa condição, justifica-se a afirmação de que as entidades quânticas, por serem ontológicas, sejam desprovidas de TI. No entanto, serão desprovidas de ser apenas se esse ser indicar presença no mundo e não se referir ao ser de Platão, que, no nosso modelo, integra a primeira dimensão e constitui a energia exigida pelo processo de criação.

Na segunda citação, Wolfgang reconhece a existência de partículas quânticas, mas descarta que elas constituam ou instituem a matéria tridimensional. Para o modelo dimensional, apenas na terceira dimensão cabe falar em partículas, por definição, tridimensionais.

Na terceira citação, ele defende que as entidades do macromundo – virtualmente objetos da Física clássica – derivam da totalidade indivisa (TI), de cima para baixo, e não de baixo para cima, conforme sugere a ontologia de Platão. Essa inversão do sentido ontológico de criação exigiria radicalização da figura dos arquétipos preexistentes no mundo das ideias, mencionados na teoria das ideias de Platão, e, ao mesmo tempo, demandaria um arquiteto dotado de intencionalidade: o demiurgo de Platão, para fechar as contas. A nosso ver, a figura do demiurgo em Platão é metafórica, tal e qual as figuras dos deuses gregos, de modo que incluir um agente intencional no modelo de criação faz-nos transitar da filosofia para a religião, o que decididamente não convém. Apesar disso, a figura de arquétipos, se considerados como potenciais, não resulta ser absurda. A tabela periódica de elementos de Mendeleev, publicada em 1869, apresentava lacunas que previam a existência de outros elementos – um dos casos foi o Gálio, descoberto em 1875. Com isso, podemos pensar que o espaço de possibilidades de existência, no plano atômico, sempre existiu perfeitamente determinado, ou seja, cada posição da tabela preconiza uma dada inteligência organizativa, segundo a qual um certo átomo específico pode estabilizar-se e marcar presença na existência. Por si só,

essa existência de arquétipos potenciais não exige, porém, a inversão do sentido da estrutura ontológica de criação.

Quanto à afirmação da quarta citação de que “as entidades da física clássica derivam o seu ser não do reino quântico, mas do corpóreo”, pensamos que isso depende de qual seja o objeto ôntico do reino quântico. Caso refiram-se a partículas, pensamos que se tratam de componentes do âmbito tridimensional ainda que sejam elementos fundamentais da matéria. Quando, porém, emergem fenômenos que ignoram as leis do espaço e do tempo, e, segundo consta, esse é o caso, o modelo ontológico dimensional sugere-nos que tais objetos transcendem o plano tridimensional da matéria e insinuam-se como “elementos” integrantes da segunda dimensão.

Na segunda dimensão, o modelo identifica e designa por inteligência organizativa potencial o componente ôntico da instância. Assimila essa inteligência potencial tanto à alma que, no caso humano, confere certo espírito ao ser como ao código genético que determina as características do organismo. Nessas condições, a inteligência organizativa potencial determina os espaços de possibilidade realizativa das três instâncias superiores, que culminam na instância de totalidade constituída de inteligência organizativa efetivamente realizada, fechando harmonicamente o modelo. Dessa forma, justificam-se a compleição do organismo e do seu tempo bem como a própria compleição da consciência viabilizada ou gerada pela inteligência organizativa efetivamente realizada.

Caso o objeto da Física Quântica, com essa ou com outra designação, vise aos conteúdos dessa segunda dimensão, fica esclarecido por que eles não obedecem às leis do espaço e do tempo que apenas surgem nas instâncias mais complexas do processo ontológico de criação e emergem algumas questões interessantes. Entre os componentes dessa inteligência organizativa potencial, cabem, por exemplo, os compromissos estruturais da geometria, tais como as formas da geometria plana, os poliedros regulares e a sequência de Fibonacci – as leis quantitativas da matemática, as leis do movimento e da lógica, os arquétipos mencionados por Platão e, até mesmo, a própria estrutura ontológica da existência. Ao examinarmos o espaço e a materialidade, na perspectiva ontológica e dimensional, constatamos que a nossa materialidade convive e interage com a materialidade dos outros fenômenos com os quais compartilhamos a existência e contamos com cinco sentidos de percepção para administrar essa relação, dado que uma das leis locais afirma que duas matérias não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo e, quando tentam fazê-lo, resulta o dano e até a destruição de uma ou de ambas. Identificam-se, portanto, nessa instância, convivência e interdependência. Quando olhamos para a quarta dimensão, verificamos que cada fenômeno tem um tempo de preservação da sua organização material, mas constatamos, também, que vivemos em um planeta que tem igualmente um tempo, podendo deduzir-se facilmente que, caso o tempo do planeta termine de repente, o nosso terminará junto. Logo, também na quarta

dimensão, existem convivência e interação. Se isso ocorre na terceira e na quarta dimensões, parece provável que também ocorra na segunda, e, nesse caso, abrem-se potencialidades instigantes. Primeiramente, temos o caso da memória. O processo evolutivo e de complexificação exige memória também na natureza. Sabemos que a nossa própria memória situa-se para além da consciência, e uma instância de duas dimensões parece um lugar apropriado que, por vezes, conseguimos acessar. Ora, se for esse o caso, de a nossa memória particular constar da instância bidimensional da nossa totalidade, as memórias dos outros também ali estarão e, virtualmente, as memórias de todos os homens que já viveram, além da memória do próprio planeta, do sistema solar, da galáxia e do universo. Wolfgang não fala nisso, no entanto, pergunta onde se encontra o mundo que vivenciamos nos sonhos, que, certamente, não ocupa lugar no espaço, mas que estaria sujeito a um “tempo cósmico”.

Precisamos ainda levar em conta que inteligência organizativa, segundo sugere o modelo de criação, compreende que nexos lógicos e nexos ontológicos são os elementos que, operados pela consciência, podem gerar interpretações, ou seja, gerar entendimento na forma de inteligência interpretativa. Observe-se que, nesse caso, o modelo filosófico de orientação ontológica e metafísica subjacente comporta uma estrutura matemática de inteligência criativa, gerando inteligência organizativa que admite ser expressa mediante inteligência interpretativa, o que configura, convenhamos, uma concepção simples, coerente e elegante. Observe-se adicionalmente que, sendo o caso de a operação da consciência dar-se na superfície da esfera totalizante do ente, constitui operação que se dá na bidimensionalidade curva dessa superfície. Dado que a segunda dimensão, na qual encontramos a inteligência organizativa potencial e, virtualmente, a memória, também tem amplitude de duas dimensões, resta evidente o caráter bidimensional da inteligência e dos nexos lógicos e ontológicos operados pela consciência humana.

Essa solução explicaria uma outra perplexidade constatada na Física Quântica nos últimos anos: a impressão de alguns pesquisadores de estarem aproximando-se de uma mente poderosa. Visto que consciência e memória contemplam o mesmo conteúdo ôntico – nexos lógicos e ontológicos –, é fácil confundir esses elementos inteligentes com consciência, mas parece mais provável que se trate não de consciência ativa, mas de uma memória cósmica passiva, o que não seria exatamente uma novidade, considerando a tese do campo Akáshico de que nos fala Ervin Laszlo desde 1932 (Laszlo, 2008). Compreender isso pode, possivelmente, esclarecer o objeto da Física Quântica e tornar esse campo de pesquisa mais objetivo e instigante. Uma pena o mestre Wolfgang Smith (1930-2024) não estar mais entre nós para esclarecer as dúvidas remanescentes. De qualquer modo, vale a pena prestigiar a sua obra que pode estar revelando um novo paradigma para a Física.

Rubi Rodrigues

Brasília/DF, fevereiro/2025.

Referências

LAZSLO, Ervin. *A ciência do campo Akáshico*. Tradução Aleph Teruya Eichenberg e Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2008.

MARTIN, José Pablo (Dir.) *Filón de Alejandria: obras completas*. Vol. 1, La creación del mundo segun Moisés. Tradução Francisco Lisi. Madrid: Trotta, 2009. 357 p.

RODRIGUES, Rubi; RODRIGUES, Jônatas. *Platão e a lenda do quinto império*. Brasília: Thesaurus, 2024. 214 p.

SMITH, Wolfgang. *Física: uma ciência em busca de uma ontologia*. Tradução Giuliano Bonesso. Campinas: Vide Editorial, 2024. 164 p.